

# PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR

## Núcleo de História Oral

### FICHA TÉCNICA

**Código da entrevista:** MA-005 A / B

**Entrevistado:** Hebe Maria Rôla Santos

**Local da entrevista:** Pouso do Carmo. Rua Monsenhor Horta – Mariana – MG

**Data da entrevista:** 26/03/2006

**Horário da entrevista:** 9h25min

**Duração da entrevista:** Tempo total:1h00min33seg – DVD / A: 58min25seg –  
DVD / B: 42min08seg

#### **Equipe do Vale Registrar / História Oral:**

**Supervisão:** Jason Barroso Santa Rosa

**Subcoordenação:** Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

**Entrevistadores:** Josanne Guerra Simões, Eder Donizete de Melo (monitor)

#### **Gravação das entrevistas:**

**Produtor:** Mateus Brandão (EMVIDEO)

**Câmera:** Walfried Weissman (EMVIDEO)

**Eletricista:** Mauro Siqueira (EMVIDEO)

**Motorista:** Carlúcio (EMVIDEO)

**Equipamento utilizado:** Câmera Digital MiniDV

**Transcrição:** Eder Donizete de Melo

**Data da transcrição:** 14/05/2006

**Conferência de fidelidade:** Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

**Data da conferência:** 18/05/2006

**Pesquisa para notas de rodapé:** Elodia Honse Lebourg

**Copidesque:** Maria Angélica Vieira Bonome

[Início da entrevista]

[DVD A]

**Keka Simões** – Dona Hebe, a senhora poderia nos dizer seu nome completo, o local e a data de nascimento?

**Hebe Rôla** – Hebe Maria Rôla Santos, nascida em Mariana, aos 23 de junho de 1931.

**Keka Simões** – Qual é o nome dos seus pais?

**Hebe Rôla** – José de Carvalho Rôla e Guiomar Marques Rôla.

**Keka Simões** – De onde eles eram?

**Hebe Rôla** – Meu pai era de Barra Longa<sup>1</sup> e minha mãe era de Mariana.

**Keka Simões** – Em que seu pai trabalhava?

**Hebe Rôla** – Ele era fazendeiro. Ele prestou muitos serviços à comunidade, porque foi juiz... Teve outras profissões, mas na realidade ele era fazendeiro.

**Keka Simões** – E sua mãe?

**Hebe Rôla** – Minha mãe era pianista.

**Keka Simões** – Pianista?

**Hebe Rôla** – É. Chique, não é?

**Keka Simões** – Muito! [riso] Antes da gravação, a senhora falou que sua família tem uma questão musical...

**Hebe Rôla** – É. Nós somos oriundos de uma família de músicos. Meus tios todos eram músicos e meu avô mantinha, onde é hoje o hotel do Toninho<sup>2</sup>, uma orquestra que se apresentava no Cine-Teatro Municipal, hoje SESI<sup>3</sup>. O cinema era mudo, então eles se apresentavam e agradavam muito. Durante longos anos, meu tio foi maestro da Banda União XV de Novembro, uma banda centenária de Mariana. E nós todos gostamos de música.

**Keka Simões** – A senhora tem irmãos?

**Hebe Rôla** – Tenho. Nós éramos seis. Olha, que chique<sup>4</sup>! Nós éramos seis, mas agora somos cinco. Eu tenho quatro irmãos.

---

<sup>1</sup> Município de Minas Gerais.

<sup>2</sup> Hotel Central, localizado na Praça Gomes Freire de Andrade.

<sup>3</sup> Serviço Social da Indústria, localizado na Rua Frei Durão, centro de Mariana.

<sup>4</sup> Como professora de Língua Portuguesa, a entrevistada faz uma alusão à obra **Éramos Seis**, de Maria José Dupré, clássico da literatura brasileira.

**Keka Simões** – Qual é a profissão deles?

**Hebe Rôla** – Quase todas são professoras. São ou eram, porque já estão aposentadas. E uma é uma modista muito boa.

**Keka Simões** – Onde a senhora passou a infância?

**Hebe Rôla** – Eu passei aqui e na fazenda, em Bandeirantes<sup>5</sup>. A Estação do trem chama-se Ribeirão do Carmo<sup>6</sup>. Todo mundo chama de Ribeirão do Carmo, mas o distrito é Bandeirantes.

**Keka Simões** – Como era a Mariana de sua infância?

**Hebe Rôla** – Era uma Mariana tão diferente desta, que parece difícil até comparar! Nós vivíamos em uma família, com uma educação de Primeiro Mundo, muito boa mesmo! Hoje eu discuto muito com as unidades escolares, com os profissionais da educação, e eles falam assim, com depreciação: “Ah, escola tradicional!” A nossa escola antiga, a tradicional de Mariana, era excelente. Nós tínhamos professores na escola pública, formados em universidade. E hoje: “Ah! Mas todo mundo é formado em universidade”. Naquele tempo não era! Nós tínhamos, e temos ainda, o Providência<sup>7</sup> que é um excelente colégio. Nós fomos formadas por irmãs orientadas pelos franceses, pela educação francesa. Eu fiz algum tempo, uns dois anos, no Dom Benevides<sup>8</sup>, e depois fui para o Providência. Era uma educação rígida, uma educação francesa muito boa! Inclusive nós estudávamos Saussure<sup>9</sup>, enquanto no mundo quase ninguém falava de Saussure.

**Keka Simões** – Como crianças, onde vocês brincavam? Quais eram as brincadeiras?

**Hebe Rôla** – Olha, era muito diferente, não é? Nós tínhamos brincadeiras... Por exemplo, brincadeira de roda. Hoje eu fico vendo a dificuldade que as pessoas têm de chegar à frente de um grupo para falar! Nessa época ninguém tinha, porque nossas brincadeiras de roda eram peças teatrais. Havia, por exemplo, o rei que mandava buscar uma mocinha para casar e eles cantavam... Havia o diálogo, quer dizer, nós preparávamos o diálogo, um diálogo muito educado. Isso contribuía também para a educação social. Então

---

<sup>5</sup> Distrito de Mariana.

<sup>6</sup> Distrito de Mariana.

<sup>7</sup> Colégio Providência, mantido pela ordem religiosa Companhia das Filhas da Caridade, em Mariana.

<sup>8</sup> Escola Estadual Dom Benevides, em Mariana.

<sup>9</sup> Ferdinand de Saussure, lingüista suíço.

ele cantava: “Onde mora a senhora condessa de língua de prata de São Lourenço? O senhor rei mandou buscar uma das filhas para casar”.<sup>10</sup> Aí ela respondia que não dava as filhas nem por ouro, nem por prata. Ia aquele diálogo e a gente ia encenando aquele fato. Então, nós tínhamos um teatro ambulante em praça pública, e todo mundo participava desse teatro. Esse é um exemplo. As casas de família, quase todas, faziam sarau, especialmente no período de Alphonsus de Guimaraens<sup>11</sup>. Eu não alcancei muito esse período, mas meus pais transmitiram isso para nós. O Alphonsus de Guimaraens ia às casas de família e tecia versos para o que estava se comemorando. Para minha mãe, ele fez um acróstico muito bonito: “Guia do mar esperança/ um hino vem entoar/ íris do amor [a aliança]<sup>12</sup>/ oh ninho de pomba mansa...”<sup>13</sup> – porque minha mãe é Rôla. E por aí ia. Ele chegava às casas das pessoas e incrementava o sarau. Falava assim: “A ti trago, neste dia, rosas de luz e poesia”.<sup>14</sup> Quer dizer, a poesia perfazia os ares de Mariana, pulverizava os ares de Mariana! A música pulverizava os ares de Mariana... E a música clássica... Inclusive, há pouco tempo Fernando Moraes<sup>15</sup> foi homenageado em Mariana e falou uma coisa muito séria. Ele estava no exterior, acho que na Faixa de Gaza, e ouviu uma peça clássica fúnebre e sentiu um cheirinho de uma erva no ar. Ele se lembrou de Mariana por isto: era hortelã – o chá comum a todas as famílias para evitar verminose, para evitar as doenças do intestino – e a música clássica era da Banda União<sup>16</sup>. Então veja bem: nós vivíamos em um ambiente muito diferente do de hoje. Nós não tínhamos a informação da televisão, mas tínhamos jornais aqui, em Mariana: o **Alfinete**, o **Germinal**, uma série de jornais que toda criança lia. Era uma vida muito diferente, muito diferente mesmo! E nós tínhamos que criar brinquedos, porque não ficávamos na rota dos brinquedos importados. Então, o que eu acho que está faltando hoje é instigar essa criatividade da criança. A criança hoje cria muito pouco. Eu freqüento as escolas – estou falando com conhecimento de causa – e elas criam muito pouco, já têm uma boneca que, se der água, vai fazer xixi ali na

---

<sup>10</sup> A entrevistada canta o trecho transcrito.

<sup>11</sup> Poeta simbolista que viveu em Mariana, entre os anos de 1906 e 1921.

<sup>12</sup> Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

<sup>13</sup> A entrevistada declama os versos.

<sup>14</sup> A entrevistada declama os versos.

<sup>15</sup> Escritor e jornalista nascido em Mariana, autor de romances como **Olga**.

<sup>16</sup> Banda União XV de Novembro.

frente. A criança já tem tudo pré-estabelecido. E não é isso! A surpresa é interessantíssima! Por isto eu gostava do trem: o trem era uma surpresa diária, era uma surpresa agradável! Era doce a vinda do trem. E a curiosidade infanto-juvenil, não é? Na minha juventude também, eu andei muito de trem. E aquela curiosidade infanto-juvenil para a chegada do trem... Então a gente já fazia mil planos para aquela chegada! Olha como ele trabalhava o mundo infanto-juvenil – a gente fazia mil planos para a passagem do trem, porque ele era a nossa televisão, era o nosso cinema, era o nosso elevador panorâmico. Era muito chique mesmo! Para nós era a coisa mais bonita do mundo ou viajar de trem ou ver o trem passar. Por isso eu estou fazendo, com a Banda da União, o projeto “Esperando o Trem”, “Mineiro Não Perde Trem”<sup>17</sup>, porque nós adorávamos a presença do trem, uma presença assim de memória mesmo. Era uma lembrança. Cada vez que o trem ia embora, ele deixava uma saudade; cada vez que chegava, ele levantava uma esperança. Então era muito bonito mesmo!

**Keka Simões** – A senhora falou que grande parte do seu estudo foi no Colégio Providência, não é isto?

**Hebe Rôla** – Foi.

**Keka Simões** – O Colégio Providência era no mesmo local onde é hoje?<sup>18</sup>

**Hebe Rôla** – Mesmo local. O Colégio Providência data de 1849. Quando me formei, foi o centenário do Colégio: 1949. Eu tenho como referência o Colégio Providência, porque fui para a universidade e só ampliei alguns conhecimentos. Muitas vezes nós, aqui de Mariana, conhecíamos mais algumas coisas do que os nossos professores, porque a formação do Providência era excelente.

**Keka Simões** – Como era a rotina escolar, o dia-a-dia na escola? Existiam alunas internas? Como funcionava ali dentro? Quais professores a senhora guardou na lembrança?

**Hebe Rôla** – Na realidade, havia duas turmas que não podiam se comunicar. Nós nos comunicávamos na sala de aula e olhe lá! As internas eram mantidas sob os olhos das professoras, das freiras, das irmãs. E nós nos entendíamos pouco com as internas, não é? Eu tive um período de internato, que foi muito

---

<sup>17</sup> Este evento foi realizado no dia quatro de maio de 2006, um dia antes da inauguração da Estação de Mariana, e contou com a participação da Banda XV de Novembro, executando músicas alusivas a trens.

<sup>18</sup> Rua Dom Silvério, no centro de Mariana.

interessante, e tive a maior parte de externato. Nós éramos educadas para casar: era o curso “espera marido”. Até hoje é tomado como isso. Então, éramos educadas para casar, mas tínhamos uma cultura muito boa, era uma cultura excelente a do Providência! Hoje eu não posso dizer muito, porque não acompanho assim de perto, mas vejo boas coisas lá. E nós estudávamos assim: as internas separadas das externas. Eram fileiras separadas de carteiras, mas o ensino era excelente e nós aprendíamos muito. O pessoal era muito respeitoso. É muito diferente! O nosso uniforme era impecável: uma saia pregueada que não se desdobrava, não podia se desdobrar. A partir da indumentária das alunas, já se via o que era disciplina. Os cabelos tinham que ser penteados. Eu mesma tive problemas sérios com cabelos. Eu tinha muito cabelo e grande, porque meus pais gostavam de cabelos grandes nas mulheres. Era chique mulher de cabelo grande. Então eu ia para a sala de uma freira – eu não gostava da aula dela, aula de bordado, costura não era o meu forte, não me adaptava àquilo – também pensando coisa ruim, não é? Eu levava um alfinete de cabeça, tirava um fio de cabelo e ficava lá fingindo que estava costurando, porque eu detestava costurar. Até hoje eu detesto! Eu tinha o cabelo assim, punha duas trancinhas e ela falava: “Rapunzel, vá lá adiante arrumar o cabelo!” Aí a moça que era ajudante dela vinha arrumar meu cabelo. Aí eu punha o cabelo para cima: “Bolo de noiva, vá arrumar o cabelo!” No dia em que eu punha... “Ai, meu Deus! Nós agora temos uma índia na sala! Vá arrumar o cabelo!” Eu não sabia como meu cabelo tinha que andar na sala de aula dela. Não tinha a menor noção do meu cabelo! E ela era ótima, ela preparava a gente para costurar para os maridos, fazer sabonete... Cozinhar não, ela não mexia, não. Mas fazer sabonete, fazer dentifrício, tudo nós fazíamos lá. Um dia, ela estava ensinando a fazer cueca. Falar cueca naquele tempo, década de 1940... Ninguém... Moça não falava cueca, não era do vocabulário das moças! [riso] E ela estava lá: “Gente! Olha aqui! Essas moças de hoje casam e não sabem nem fazer uma cueca!” E levantava uma cueca e nós<sup>19</sup> achávamos ótimo, não é? Nisso veio andando um padre, o Padre Van Paul<sup>20</sup>, que era famoso no Colégio. Ela falou – “As moças de hoje não sabem fazer uma cu...” – e parou porque não podia terminar a palavra. Ficou pior!

---

<sup>19</sup> A entrevistada imita as gargalhadas das alunas.

<sup>20</sup> Nome sujeito à confirmação.

Ficou pior! Um louco que tinha aqui, em Mariana, chamado Tcheché<sup>21</sup>, passou na hora... Ele era doido com as meninas do Colégio, cismava que era namorado delas! Então, uma vez Dom Oscar<sup>22</sup> estava fazendo a Celebração de Semana Santa na igreja. O Tcheché foi lá para o cruzeiro e começou assim... Ele ficou cismado que as meninas estavam namorando os seminaristas e que não estavam ligando para ele, porque, na procissão, as meninas geralmente davam uma conversadinha com os seminaristas, não é? Aí ele subiu lá na hora de uma missa, uma solenidade de Semana Santa. Estava divulgando para o país todo, rede de televisão aqui... Ele subiu e falou assim: “As moças do Colégio é tudo umas bonecas, mas quando casa não sabe nem fazer uma cueca!” Não sei como foi, houve interferência da voz do Tcheché. O padre – “Corpo de Cristo...” – e a interferência da voz do Tcheché na igreja. Gente! As pessoas que estavam lá não se agüentaram de rir! E ele tinha um peito... Ele era igual ao Pavarotti<sup>23</sup>, para falar e para cantar. Quer dizer, porque era necessário que a moça soubesse fazer isso. Ela ensinava a fazer de tudo: sabonete, dentífrico, tudo o que a gente precisava saber ela ensinava, e a gente ficava se preparando para casar.

**Keka Simões** – Quais eram as outras disciplinas? Português, o que mais?

**Hebe Rôla** – Até Inglês nós tivemos. Mas o Inglês não tinha a força do Francês. Na linguagem diária, nós usávamos um francês misturado com português. As próprias freiras que se formaram lá instituíram esse tipo de linguagem, uma linguagem dupla, não é? O francês, por exemplo, nós falávamos assim: “Gente, vamos fazer *ménage*.” Quer dizer, arrumar a sala. Então nós já falávamos isso. Agora, era uma... Também havia uma condução para a religião católica, uma forte condução! Meu pai era espírita, mas não tinha outro colégio aqui e para as moças saírem era muito difícil. Então nós todas estudamos lá. Mas meu pai era espírita e tinha as restrições dele. Mas a gente coroava<sup>24</sup> lá e tudo. O que se podia fazer, não é? Às vezes, a gente ficava vendo como a maneira de lidar do espírita era diferente da maneira delas lidarem. Era bem diferente. Mas a gente continuou nessa vida assim... Tanto

---

<sup>21</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>22</sup> Dom Oscar de Oliveira, Arcebispo da Arquidiocese de Mariana no período de 1960 a 1988.

<sup>23</sup> Luciano Pavarotti, tenor italiano.

<sup>24</sup> Coroação de Nossa Senhora, ocorrida no mês de maio, considerado o mês de Maria.

que ele me pediu religião e eu falei: “Meu filho, religião, eu nem sei!”<sup>25</sup> Eu sou plural em religião.

**Keka Simões** – A senhora falou que passou um tempo como interna. Como era a rotina de interna?

**Hebe Rôla** – Ah, era ótima! Era muito engraçada! Nós nos levantávamos e ajeitávamos a cama – se tivesse uma dobrinha, a gente era tirada do grupo e voltava para desdobrar, arrumar tudo bonitinho. E tinha hora certinha de dormir, tinha hora certinha de estudar, tinha hora certinha de se alimentar. E eu era bem comilona, dessas meninas comilonas mesmo. A irmã pegava quem tivesse uma voz mais firme, quem tivesse facilidade de leitura, para ler um texto de Santa Catarina, dessas santas todas, na hora da refeição. Os outros estavam almoçando e eu ficava até aguada, não é? Então, um dia decidi... A irmã saiu, eu fiquei com o livro, falei: “Ah, gente! Oh! Santa Catarina estava com muita fome...” Tinha uma piada de Santa Catarina com São Paulo por causa da situação do país, e eu falei a piada. Jesus! Fiquei oito dias de castigo, meu pai foi chamado, aquela confusão! Então nós tínhamos uma vida muito presa, nós éramos muito presas. E a gente conversava pouco. Agora, conversávamos muito mais do que o Seminário<sup>26</sup>, onde eles não se comunicavam; só no recreio e poucos minutos. Nós, não! Nós tínhamos outra fonte de comunicação. Uma vez, morreu um velho lá... A gente ia para o dormitório e tinha que dormir mesmo, não podia ficar conversando. Aí morreu um velho. Eu tinha uma colega que era bem pior do que eu, não é? Nós achamos o sapato do velho que morreu. Ele era dessa família Mesquita, de Mariana; ele era o marceneiro da escola. Morreu, e nós amarramos – nesse tempo não tinha *nylon*; se tivesse *nylon* ia dar até melhor o trabalho – uma linha preta no sapato do velho. Depois que a irmã se deitou... Nós deitávamos com as galinhas, rezávamos e íamos dormir. Então, essa minha colega arranjou duas linhas pretas: eu puxava um pé e ela puxava outro, eu puxava um pé e ela puxava outro. E o sapato foi andando, e o sapato foi andando pelo dormitório. Quando chegou na irmã... Deu aquele berro! Foi aquele alvoroço! E ficamos felizes, porque nós tivemos 15 minutos para conversar e rir dela. Sabe,

---

<sup>25</sup> Refere-se ao monitor Eder Melo, responsável por recolher alguns dados da entrevistada para o preenchimento da ficha de identificação do Projeto Vale Registrar.

<sup>26</sup> Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte, localizado onde hoje funciona o Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto.

então nós ficávamos arranjando um jeito de quebrar aquela rotina, porque ela não era do nosso interesse. Então a gente fazia alguma coisa. Mas eu fui muito estudiosa, muito séria!

**Keka Simões** – No período de internato, um período era aula e outro era estudo? Como era?

**Hebe Rôla** – Era só estudo e no outro só estudo. Até para banho a gente tinha que ir junto. Não tinha maiô, não. Nós chamávamos de “pimpão”. Não sei nem o nome que se dá a isso, que se pode dar a isso. Era uma roupa fofa assim, com a manga fofa que enchia d’água. A gente ficava igual a um balão inflável! [riso] E nadava com aquilo, tomava banho com aquilo, sabe?

**Keka Simões** – Para tomar banho também?

**Hebe Rôla** – Tudo! Era tudo muito vigiado, muito... Tomava-se banho geralmente com uma peça íntima; não se tomava banho nua. Era muito interessante. Era um rigor muito grande. Mas tudo o que sei, eu devo ao Providência. Foi uma educação muito boa a que tive.

**Keka Simões** – Quais datas cívicas e religiosas eram comemoradas na escola? Como era isso?

**Hebe Rôla** – Deixa eu só falar uma coisa mais importante: as colas. Ninguém podia ser reprovado porque os pais pagavam, não é? E vou falar porque tem uma relação com o trem. É muito engraçado! Nós tínhamos uma colega cujo apelido era Dinita<sup>27</sup>. Ela ficou assim mais velha na escola – era dessas que iam sendo reprovadas – e se sentava atrás de mim. Ela falava comigo: “Passa a cola para mim”. Quando o trem apitava... Ela era tão apaixonada pelo maquinista<sup>28</sup>, chamado Geraldo Murta... Uma paixão avassaladora mesmo! Então, por exemplo, eu levantava a prova para ela ver, não é? Quando ela estava colando a prova, apitava lá: “Ai! Benzinho chegou!” Aí acabou! Dinita não prestava atenção mais em coisa nenhuma, não estudava mais. Passado um tempo, a gente ia ver a nota. Quando a prova coincidia com esse horário de 11 horas – era essa tal hora que eu me lembro do trem apitando, não me lembro de outra hora... Ela copiava uma parte da minha prova: eu ganhava 10 e ela ganhava sete, porque o resto ela não copiava. É divino! Eu quero até registrar esse diálogo dela, fazer uma entrevista com ela – nós estamos

---

<sup>27</sup> A entrevistada não mencionou o nome.

<sup>28</sup> Profissional responsável por operar a locomotiva.

fazendo algumas entrevistas – porque era muito engraçado. Na prova de Francês, ela tirou sete e eu tirei 10, porque ela copiou só 70% da prova. [riso] “Benzinho chegou!” O trem apitava... Acabou: Dinita não era mais aluna. Então, são essas influências do trem que eu acho muito legais na cabeça das pessoas.

**Keka Simões** – Como eram as comemorações? Tinha hora cívica? Tinha alguma especial...

**Hebe Rôla** – Oh, todas as datas cívicas eram comemoradas, inclusive aquelas datas da França também, como o 14 de Julho<sup>29</sup>, quando a gente cantava a Marselhesa<sup>30</sup>. Era chique! As nossas datas eram todas comemoradas, elas não aceitavam... E eram com hasteamento de bandeira, tudo muito organizado, tudo muito cheio de... Era muito cerimonioso, não é? Às vezes, ia uma pessoa da comunidade que as irmãs chamavam. Elas eram muito amigas dos políticos. Nós tivemos uma freira, uma diretora muito ligada a um grande expoente da vida política do Brasil. Então, às vezes, vinha um desses políticos famosos falar para nós. E geralmente os padrinhos de formatura eram eles também. Pessoas da Secretaria de Educação ou deputados ou senador... Elas tinham um convívio muito cortês com esse pessoal. Interessante é que antes de qualquer celebração, a irmã superiora... Ela era chamada de *ma mère*, nós a chamávamos de *ma mère*, não nos dirigíamos a ela como uma pessoa qualquer: “*Ma mère*, eu posso fazer isso?” Geralmente, antes da celebração, havia uma saudação da *ma mère* a nós, comunicando o que era o fato. Então ela determinava e fazia uma espécie de pauta desse ato. Era muito bonito! O Centenário, em 1949, foi uma apoteose! Coisa mais linda do mundo! As irmãs vieram a cavalo e Dom Oscar, que era Bispo em 1949<sup>31</sup> ... Arcebispo... Ele era muito popular; depois, doente, ficou mais fechado, mas até aí ele era muito popular. Então nós simulamos a vinda das irmãs: as freiras do Colégio Providência chegaram a cavalo, e Dom Oscar foi recebê-las, como se fosse o Dom Viçoso<sup>32</sup> da época. Foi muito interessante! E eu lembro que, tempos depois, em outra comemoração de aniversário do Colégio – não foi o

---

<sup>29</sup> Data comemorada na França, celebrando a tomada da Bastilha, símbolo da eclosão da Revolução Francesa de 1789.

<sup>30</sup> Hino nacional francês. A entrevistada canta um trecho do hino.

<sup>31</sup> A entrevistada se confunde: Dom Oscar foi Arcebispo de Mariana de 1960 a 1988.

<sup>32</sup> Dom Antônio Ferreira Viçoso foi o sétimo Bispo de Mariana. Nascido em Portugal, em 1787, chegou ao Brasil em 1818 e se tornou Bispo de Mariana em 1844. Faleceu em 1875.

sesquicentenário porque no sesquicentenário eu fui oradora –, fiz um carro alegórico mostrando a chegada das ordens religiosas a Mariana e o benefício que elas fizeram. Só o benefício, tudo de bom que elas fizeram nós pusemos nesse carro alegórico.

**Keka Simões** – O Colégio participava das datas cívicas ou das datas comemoradas na cidade?

**Hebe Rôla** – Participava. Sete de Setembro<sup>33</sup> tinha parada; antigamente tinha desfile, não é? O Colégio se apresentava maravilhosamente bem. Muito bonita a participação do Colégio: com gosto, com arte, com criatividade e com o objetivo de instruir, não é? Por exemplo, trazia a bandeira dos estados para as pessoas conhecerem... Então era muito interessante o trabalho.

**Keka Simões** – Como era o uniforme? A senhora falou da saia pregueada...

**Hebe Rôla** – Olha, houve vários. No meu tempo havia dois. Havia um que era o usual, diário: saia azul pregueadinha e uma blusa branca de manga comprida que era de fustão – naquele tempo era um tecido assim de algodão, fustão de algodão. E tinha o de seda. E tinha uma boina e uma gravata – não podia perder a gravata, tinha que vir com a gravata –, sapatos pretos e meias três quartos. Então você vinha toda equipadinha. E ninguém podia ficar despenteado. E outra coisa: cuidava-se muito da higiene pessoal. Ninguém podia estar com cheiro de corpo; se estivesse, a freira levava, passava um desodorante... Não tinha desodorante. Passava qualquer coisa lá... Era desodorante, mas não havia essas marcas chiques, não é? Ela arrumava a pessoa. Nós tínhamos que cheirar bem também! Isso era engraçado.

**Keka Simões** – E o outro uniforme?

**Hebe Rôla** – O outro era todo branco de fustão de seda. Os sapatos eram aqueles sapatos pulseirinhas de verniz. Podia estar rachando o sol que nós íamos com eles. E as meias finas, meias de seda, não é? Só a gravata era azul.

**Keka Simões** – Esse uniforme era usado em que ocasião?

**Hebe Rôla** – Só nas cerimônias oficiais, festas religiosas, festas cívicas... Era o outro branco<sup>34</sup>.

---

<sup>33</sup> Data comemorativa do Dia da Independência do Brasil.

<sup>34</sup> A entrevistada confunde-se: ela já estava falando do uniforme branco.

**Keka Simões** – A senhora falou de festas religiosas, festas cívicas como a Parada de Sete de Setembro. E sobre as festas religiosas na cidade, quais existiam nessa época e como eram?

**Hebe Rôla** – Pois é, Keka. Você falou da comparação, não é? Quem olha Mariana hoje... Não há nem vestígio do que eram as festas religiosas! As festas religiosas eram pomposas mesmo! Mas os padres colaboravam, os padres faziam as festas. Por exemplo, às procissões do Enterro, à procissão da Sexta-Feira da Paixão, os cônegos todos iam equipados com aquelas capas enormes, longas, de cinco, seis metros. Uma pessoa, um seminarista segurava aquela cauda enorme. Eles paramentados como se fossem a uma festa importantíssima! Isso... Já começava aí, nos trajes, não é? Depois também vinham as representações: eles todos participavam da Semana Santa. Hoje, se tiver um padre, é muito para participar. Até a época do Monsenhor Vicente<sup>35</sup>, como vigário, no princípio... Até terminar o período de Dom Oscar, essas festas foram conservadas em parte. Por exemplo, Quarta-feira de Cinzas tinha uma procissão maravilhosa: saíam 14 andores, cada um com dois anjos atrás. Todo mundo ia passar cinza na testa para tirar os pecados do Carnaval, e depois as pessoas faziam essa procissão. Todo mundo participava dessa procissão de penitência. Hoje você não vê nada disso. As procissões aqui são corridas: “Ah, não! Nós fazemos Pastoral<sup>36</sup>”. A Pastoral é uma coisa; o ato religioso é outra. Nas minhas pesquisas, nas minhas entrevistas, nos textos que publico, eu ando provando que as pessoas tinham mais fé sim, porque elas tinham tempo para meditar. Hoje, a igreja dança e canta parecendo que tem um Deus surdo lá em cima, parecendo que precisa gingar para ele ver que você está gingando, parecendo que você precisa gritar para ele te escutar. Eu fico pensando: não era isso a Igreja que nós tivemos! E os atos eram muito bonitos. Por exemplo, a Cerimônia de Trevas<sup>37</sup> era maravilhosa! As brincadeiras... Uma vez, uns colegas nossos e nossas... Umas senhoras, essas mulheres mais antigas, iam com as saias longas para a igreja, e nós pregamos com alfinetinho a saia delas todas na hora da cerimônia. Na hora daquela barulhada, quando acende as

---

<sup>35</sup> Monsenhor Vicente Dilácio.

<sup>36</sup> A Pastoral da Criança é uma organização comunitária de atuação nacional, cujo objetivo principal é o desenvolvimento integral das crianças atendidas, desde sua concepção até os seis anos de idade. Criada em 1983 pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).

<sup>37</sup> Ofício das Trevas, evento religioso relacionado à Semana Santa. É uma cerimônia de origem medieval, que consiste em ir apagando as velas do tenebrário até que só uma, a que representa Cristo, permaneça acesa.

luzes, uma batia na outra com a sombrinha: “Larga a minha saia! Larga a minha saia!” E nós lá atrás, rindo de não agüentar! Quer dizer, nós éramos alunas do Colégio, mas tínhamos... A nossa juventude estava ali também, para questionar aquela ordem toda. Mas era muito bonito! E os padres, às vezes... Dom Helvécio<sup>38</sup>, por exemplo, um Bispo mais carrancudo – eu não gostava dele e muita gente não gostava –, fazia uma coisa muito séria. Havia uma festa da Fábrica São José<sup>39</sup> no dia 19 de março<sup>40</sup> ou então no dia Primeiro de Maio<sup>41</sup>. Esses dias se alternavam. Ele fazia uma festa de São José. Então ele importava o padre: o padre vinha de fora porque os daqui já estavam batidos. Uma vez ele trouxe do Rio<sup>42</sup>... Pode falar palavrão, não é?

**Keka Simões** – Pode.

**Hebe Rôla** – Ah, então está bom! Uma vez ele trouxe do Rio um padre para falar para São José. A fábrica era aquela Mascarenhas, uma fábrica importante que dava vida a Mariana. Essa fábrica nunca podia ter sido extinta, ela não era poluente... Tinha que arranjar outra indústria para aquele lugar, e não fazer o Poliesportivo<sup>43</sup>. Então essa fábrica fazia a festa. As famílias todas iam, mesmo quem não fosse católico, porque podia ser empregado da fábrica, amigo dos proprietários e tal. E nesse dia havia um teatro muito importante na cidade, do qual nós participávamos. Então o padre chegou, chegou e ficou afônico, porque [riso]... Contraste de clima e tal. Tinha um padre aqui, coitadinho! Ele ficou na roça muito tempo, perdeu a norma culta da língua, só falava a norma popular. Olha o nome dele: Cônego Amando Adeus dos Santos. [riso] Eu acho que foi escrever “a Deus” – entregue “a Deus” – e escreveu... Aí o Cônego Amando foi para a igreja, para assistir à cerimônia. Coitado! Ele não tinha nada com o negócio! O padre chegou afônico, não tinha jeito mesmo. Quase na hora do sermão, o Bispo falou: “Amando, você vai fazer o sermão de São José”. “Eu, Excelência? Como é que eu vou falar? Além de gago, não sei falar as palavras dessas pessoas”.<sup>44</sup> “É você mesmo, Amando. É você que vai falar. E não tem conversa! Você vai falar”. Coitadinho do Cônego Amando! Graças a Deus,

---

<sup>38</sup> Dom Helvécio Gomes de Oliveira tornou-se Arcebispo da Arquidiocese de Mariana em 1922. Faleceu em Mariana, em 1961.

<sup>39</sup> Fábrica de Tecidos São José.

<sup>40</sup> No calendário da Igreja Católica, data comemorativa do dia de São José.

<sup>41</sup> Dia do Trabalho.

<sup>42</sup> Rio de Janeiro.

<sup>43</sup> Ginásio Poliesportivo de Mariana, situado à Avenida Getúlio Vargas, no centro da cidade.

<sup>44</sup> Imita a gagueira do padre.

nesse tempo não tinha microfone! Ele chegou lá na frente para falar e falou assim: “São José era um homem muito puro. São José era um homem muito bom!”<sup>45</sup> Além de gago, ele ainda tinha que pensar o que ia falar! Não estava dando, não é? Aí o Bispo: “Você está na mesma tecla. Muda esse discurso. Acaba essa porcaria!” Aí ele falou: “São José era tão puro, tão puro, que o pau dele deu flor!”<sup>46</sup> Ele tem um cajado florido na mão, não é? [riso] Então era isso. Quer dizer... Mas a Igreja tinha um compromisso, ela fazia com pompa, chamava o povo todo. E o povo era mais... Era verdadeiramente cristão. Ficava ali para rezar. Era muito bonito! Eu tenho muita saudade desse tempo! E a população ajudava muito, a população participava. Agora, a filosofia de Dom Luciano<sup>47</sup> é diferente; preservar essa parte é difícil para ele, que tem uma outra filosofia.

**Keka Simões** – A senhora falou um pouquinho sobre a Fábrica São José. Como era a vida econômica da cidade nessa época?

**Hebe Rôla** – Vocês sabem que Mariana nunca foi muito dedicada à agricultura, porque a corrida do ouro... Tanto que Alphonsus de Guimaraens, quando escreve o hino de Mariana, fala assim: “Vivo de mortas alegrias sempre a sonhar”. Porque o ouro acabou e o povo não estava acostumado a plantar. Então, com muito custo, começou a agricultura em Mariana, começou a pecuária, muito tímida. A Fábrica São José e a Central do Brasil<sup>48</sup> eram as fontes de emprego: ou você trabalhava na Fábrica São José, que era da família Mascarenhas, ou você vinha para a Central do Brasil, que era outro campo de emprego. Na Central do Brasil, tinha uma infinidade... Não uma infinidade, mas tinha uma gama de empregos. Por exemplo, os mantenedores da linha, aqueles que preservavam a linha, o leito do trem, chamados os homens da soca: “Ah! Eu sou da soca”. Tinha o guarda-chave. Eu sou apaixonada pelo guarda-chave! Eu acho a coisa mais linda do mundo aquele homem! Ele tinha tudo nas mãos: com ele, estava o destino de um trem cheio de passageiros, cheio de cargas! Ele era quem virava a chave no meio da estrada; era cerimoniosa a ação dele. Muito bonito mesmo! Tinha o pessoal que era

---

<sup>45</sup> Imita a gagueira do padre.

<sup>46</sup> Imita a gagueira do padre.

<sup>47</sup> Dom Luciano Mendes de Almeida, Arcebispo da Arquidiocese de Mariana no período de 1988 a 2006, ano de sua morte. Presidiu a CNBB de 1987 a 1994.

<sup>48</sup> Estrada de Ferro Central do Brasil.

foguista, tomava conta da caixa d'água, porque o trem parava para beber e tal. Então era aquilo... Um cultivo acanhado, também. Os fazendeiros vendiam as coisas na cidade. Um comércio também razoável. Não se chamava camelô; tinha um nome: mascate. Muito mascate. A Fábrica e isso. E o Seminário e o Colégio Providência davam algum emprego, eram uma fonte de emprego também. As lavadeiras do Seminário... No mais, era muito pouca a vida econômica, muito pequena, muito curta. Mas era assim: todo mundo trabalhava. O plantio de subsistência era feito por todo mundo. Todo mundo criava uma galinha, todo mundo plantava um pé de couve, e hoje você não vê isso. A zona rural toda plantava, sabe? Não era em grande escala, mas aquele cultivo de subsistência todo mundo tinha, sobrando até alguma coisa para vender.

**Keka Simões** – Na sua juventude, nesse período todo...

**Hebe Rôla** – Oh!<sup>49</sup> [risos]

**Keka Simões** – O que as moças faziam nos dias de folga, nas férias? A quais lugares vocês iam? Quais atividades de lazer e de cultura havia aqui na cidade?

**Hebe Rôla** – Primeiro, quase todos nós éramos bons leitores. Por quê? Nós não tínhamos televisão. Rádio pouca gente tinha. A gente ouvia rádio e sabia todos os sambas, todas as marchinhas. Não era samba enredo, não! Todas as marchinhas do Carnaval do Rio, nós éramos *expert* naquilo. Nós tínhamos os clubes sociais, aonde as pessoas iam. Os bailes maravilhosos! Aqueles bailes de gala! E tínhamos também esses saraus familiares, não é? Toda comemoração familiar virava um sarau. Agora, os namoros eram todos escondidos, o que era uma fonte de inspiração para nós escrevermos. Nós gostávamos de escrever, porque nós não podíamos ficar expondo as nossas idéias claramente, não é? Então nós passeávamos no Jardim<sup>50</sup>. Passeio no Jardim era chique! Era “lé com lé, cré com cré”: a parte das pessoas com uma certa posição social e a outra parte. Era separado e ninguém brigava, ninguém achava ruim. Todo mundo já estava acostumado com aquilo, ninguém reagia. Não havia reações. Então nós passeávamos em uma parte, e os outros, na outra. Mas o Jardim era todo cercado de cipreste. As moças que eram tomadas

---

<sup>49</sup> Gesto com as mãos indicando muito tempo atrás.

<sup>50</sup> Nome dado pelos moradores de Mariana à Praça Gomes Freire de Andrade.

como moças sem juízo – eu não estava nesse meio porque meu pai era muito bravo, senão eu estaria – ou se sentavam ali, onde é o Marianense<sup>51</sup> (tinha uma pedra chamada Pedra do Amor), ou ficavam em uma ponte do Jardim (Ponte do Suspiro, entre os dois lagos), ou ainda ficavam escondidinhas no cipreste, não é? Sabe como a gente dizia? “Fulano foi aproveitar arroz”. Olha que legal!

**Keka Simões** – Aproveitar o quê?

**Hebe Rôla** – Arroz.

**Keka Simões** – Por quê?

**Hebe Rôla** – Já cansei de procurar. Eu vou escrever até para aquele [Cotrim]<sup>52</sup> para ver se ele acha essa... Mas talvez ele não ache, porque é uma coisa bem regional. Falava assim: “Aproveitar arroz”. Eu não sei se é porque o arroz, que já é do almoço, fica mais agarradinho... Até hoje eu não sei. Eu só sei que para nós era isso, era esse passeio. Outro passeio era ir à Estação de trem. Era chique demais ir à Estação de trem! Agora, a fase da Estação de trem, que fala mais na minha cabeça, é a de Bandeirantes, é a da Estação de Ribeirão do Carmo. Havia uma senhora mais velha, Dona Mariazinha, cor de cobre, com os olhos verdes, com suas duas filhas: Perpétua e outra cujo nome não lembro mais. Elas duas ficavam lá. E ela punha uma mesa de café: tinha bolinho de arroz, tinha paçoca, tinha milho cozido, tinha milho assado, tinha tudo o que se fazia naquela época em casa. E ela servia aquilo. E o sanduíche... O pão vinha de Mariana para ela, era dormido o pão. Só que ela punha um bife quentinho com cebola e era muito gostoso! E a gente ficava ali. Eu já era professora, já dava aula em Bandeirantes, já tinha uns namoradinhos lá. Na hora certa do trem, todo mundo vinha para a Estação. Interessante era que a gente andava no percurso da linha: o namorado de um lado e a gente do outro; dava a mãozinha de vez em quando sem que o pai, sem que alguém que estivesse atrás visse. E nós vínhamos para a Estação. Ali, eu acho que era um ponto de encontro de várias culturas. Eu acho rica a passagem do trem, especialmente nessa época: não tinha televisão, não tinha nada! Então, era um encontro de culturas; eram encontros, desencontros. Às vezes, você esperava uma pessoa e ela não vinha, perdia o trem, não é? Então eram encontros e desencontros.

---

<sup>51</sup> Esporte Clube Marianense, clube esportivo e social localizado na Praça Gomes Freire de Andrade.

<sup>52</sup> Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

Para nós, eram também fontes de inspiração e de aprendizado para todo mundo. E nós ficávamos ali, bancávamos guia de turismo, ficávamos falando de Mariana com as pessoas que vinham: “Ah, Mariana é assim...” Contando vantagem. Por quê? Não era para divulgar a cidade, não! Era para aqueles moços bonitos voltarem. A intenção era outra! [riso] Mas a gente acabava divulgando. E a Dona Mariazinha... Para mim, o café de Dona Mariazinha cheira até hoje no meu nariz! Aquelas broinhas de fubá, até hoje sinto o seu paladar, porque eram muito bem feitas. E todo mundo parava lá para tomar café. O mais engraçado é que o maquinista, quando Dona Mariazinha atrasava um pouquinho, atrasava um pouquinho o trem, porque ele era beneficiado por aquele café também. Então, para nós o apito do trem é uma memória, é história da nossa vida aqui, no município de Mariana.

**Keka Simões** – A senhora falou dos bailes. Quais clubes existiam aqui?

**Hebe Rôla** – Olha, tinha o Marianense, Guarany<sup>53</sup>, Maracatu<sup>54</sup>. Maracatu era dos negros, das pessoas menos favorecidas e dos negros, especialmente. Meu pai tinha uma visão diferente do mundo, e nós íamos ao Maracatu com ele. Só podíamos ir com ele. [riso] Aí a gente ia um pouquinho para dar uma presença. Mas eram Marianense e Guarany. Era uma rivalidade! A rivalidade entre eles produzia uma emulação que os levava a fazer festas maravilhosas. Eu sou muito a favor de uma certa rivalidade, para estimular mesmo a pessoa a produzir. Durante longos anos, o Marianense fez os melhores carnavais de Mariana. Coisas maravilhosas! Nós tínhamos um artista chamado José Mesquita, e um outro que se chamava Fábio. Esqueci o sobrenome do Fábio, nós o chamávamos de Fabinho. Eles dois faziam maravilhas. Quando o homem foi à Lua, quando Gagarin<sup>55</sup> foi à Lua, o Marianense fez “Eu vou à Lua se Deus quiser”, com todo aparato de uma viagem à Lua. Os carros alegóricos eram maravilhosos! Agora, sabe o que me entristece? Eu fui ao Marianense – eu quero escrever a história do Marianense, porque sou Marianense roxa – e não tem quase nada lá, o arquivo de lá é vazio. Era muito lindo mesmo! Os próprios clubes, os próprios hinos dos clubes já mostravam que o povo trabalhava muito para a cultura das pessoas. O hino do Marianense tem um

---

<sup>53</sup> Guarany Futebol Clube, clube esportivo e social localizado no centro de Mariana.

<sup>54</sup> Até o momento, não foi possível obter informações adicionais sobre este clube.

<sup>55</sup> Diferentemente do que diz a entrevistada, Yuri Gagarin, astronauta russo, não foi à Lua, mas foi o primeiro homem a ir ao espaço, em 1961.

tanto de termos em inglês, porque o futebol veio através dos ingleses, e todo mundo pronunciava esses termos normalmente.

**Keka Simões** – A senhora se lembra do hino?

**Hebe Rôla** – Lembro. Espera aí, espera só eu levantar o olho para a câmera, não é? Mas eu vou levantar, sim. “Marianense valoroso e forte/ Falange altiva de aguerrida gente/ Orgulho justo, mulher [inaudível] de ser teu filho/ Todo filho sente/ Lutar, lutar é nosso lema/ Com lealdade e com valor/ E da peleja mais extrema/ Sempre sair triunfador/ E da peleja mais extrema/ Sempre sair triunfador”. Aí: “Buscam teus *players* na combinação/ A força unida que a vitória alcança...”<sup>56</sup> e por aí vai. E havia termo em inglês que todo mundo falava. Como também as missas em latim, todo mundo as entendia! Não entendia? Hoje falam que não entendiam, mas não é verdade. Eu fiz até um texto que fala da língua de Deus<sup>57</sup>, que a língua é de Deus mesmo, é só estar ali louvando a Deus. Então, eu acho que isso é uma mentira. Nós lidávamos com a terminologia inglesa, com os termos ingleses sem... Nós estudamos Inglês no Colégio, mas a maioria das pessoas não estudou. Nós estudávamos aqueles termos em inglês, termos franceses, lidávamos com eles naturalmente. Era um aprendizado de línguas que não fazia ninguém sofrer, porque não vinha com sangue, não é? Era lúdica a maneira de ensinar. Eu acho que tudo isso influía. E o Marianense e o Guarany tinham essa rivalidade: quando saía um, o outro queria fazer melhor. Eu me lembro mais do Marianense, porque quem era do Marianense não ia ao Guarany, não podia. Então eu me lembro muito desses carros alegóricos que esses dois faziam – eram maravilhosos, não perdiam nada para as escolas de samba do Rio. Só que eram marchinhas, não é? Nós cantávamos muitas marchinhas. E depois o Folia Nossa: um dos grêmios mais interessantes que Mariana já teve! Você se lembra dele<sup>58</sup>? O Folia Nossa, além de ser um clube de serviço, trabalhava no Carnaval. Toda marchinha do Folia era uma marchinha divulgando Mariana. Quem compunha era eu, todos os anos eu compus as marchas do Folia Nossa. Então, eu me lembro de uma que falava da chinesice ali da Sé<sup>59</sup>, daquele cadeiral da Sé. A

---

<sup>56</sup> A entrevistada canta o trecho transcrito.

<sup>57</sup> RÔLA, Hebe. A língua de Deus. *Aldrava*, Mariana, ano VI, n. 51, jan.-fev. 2006. p. 1.

<sup>58</sup> Dirige-se à entrevistadora Keka Simões, que confirma a lembrança do grêmio existente na década de 1980.

<sup>59</sup> Catedral Basílica de Nossa Senhora da Assunção, Sé de Mariana. As chinesices da Sé de Mariana são pinturas parietais, de inspiração oriental, na capela-mor.

marcha era mais ou menos assim: “Mariana sonhou e Macau exportou arte sensacional/ O povo se enfeitou, magia oriental/ Pássaros, borboletas, [inaudível] violetas, marcando a gente a sorte/ Lanternas, luzes douradas, tecem novas alvoradas/ [é chinoiserie, diz *ma mère*]<sup>60</sup>/ É chinesice, olha o Folia aí”.<sup>61</sup> Aí nós nos lembramos de um chinês que tinha ali na Rua da Olaria, que fazia sombrinha, que fazia balaio. “Toda a Rua da Olaria crê no china João Maria”.<sup>62</sup> Aí tem a história dele, que não queria ser batizado e tal. Então era tudo assim. O Folia continuou o que o Marianense fazia, maravilhosamente bem! E com mais arte ainda, porque os meninos tinham mais recursos. Mais arte, não; a arte era a mesma, mas com mais recurso. Era maravilhosa a presença do Folia Nossa! Eu quero até escrever as memórias do Folia Nossa e já estou recolhendo alguma coisa, porque era maravilhoso mesmo. Eu lembro que, quando houve os “anões do orçamento”<sup>63</sup>, eles fizeram essa parte chique lá... Eu só fazia as músicas. Fizemos um trenzinho, “O Trem da Alegria”, e eu fiz a música falando do trenzinho da alegria. Ficou interessante essa participação do Folia. O Folia era muito presente na vida de Mariana e aprendeu com o Marianense. Foram as gerações que vieram e foram fazendo isso. E o Marianense tinha saraus maravilhosos. Na noite de Natal, tinha baile e à meia-noite cantava-se a canção de Natal. Parava tudo para cantar a canção de Natal, para as pessoas se cumprimentarem. Trinta e um para primeiro<sup>64</sup> também era muito bonito. E havia os bailes de gala, quando a gente vestia trajes longos, muito bonitos.

**Keka Simões** – Dona Hebe, a senhora falou da rivalidade do Guarany e do Marianense. E sobre questão política, em Mariana, quais eram as forças políticas da sua época de juventude? Essas forças políticas continuaram no tempo? Isso ainda está presente? A terminologia usada... Porque é muito característico de Mariana...

**Hebe Rôla** – É. Nós tínhamos a Direita e a Esquerda. Percevejo e Piolho, não é? E a Banda da União era da Direita; a Banda São José era da Esquerda; o

---

<sup>60</sup> Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

<sup>61</sup> A entrevistada canta o trecho transcrito.

<sup>62</sup> A entrevistada canta o trecho transcrito.

<sup>63</sup> Esquema de corrupção, na década de 1990, do qual faziam parte governadores, ministros, senadores e deputados. Os envolvidos recebiam comissões para favorecer empreiteiras e desviar recursos para entidades de assistência social fantasmas.

<sup>64</sup> Trinta e um de dezembro para primeiro de janeiro – o *Reveillon*.

Guarany era da Esquerda; o Marianense era da Direita. Eu era direitona assim, sabe? Mas hoje, quando fico vendo essas questões de Esquerda... Conforme o grupo que as mantém, Direita e Esquerda não estão muito longe uma da outra, não. Depende muito das pessoas. Partido político, no Brasil – hoje eu penso isso –, não significa. O que significa é talvez a índole da pessoa, a filosofia das pessoas. Porque, às vezes, a filosofia do partido nunca é respeitada. Então nós temos Direita e Esquerda. Quem era de Direita aqui? Eram as pessoas que tinham um certo nível cultural, uma melhor condição financeira e que queriam manter a situação. Mas o povo da Direita... Meu pai era Direita, meu pai era UDN<sup>65</sup>, meu pai era lacerdista<sup>66</sup> e eu fui criada nesse ambiente. Agora, o que eu vejo é que a Esquerda não fica longe da Direita, não. Na hora em que toma o poder, acabou! Acabou toda a filosofia, acabou toda aquela teoria bonita que é pregada, não é? E havia uma coisa muito engraçada aqui, em Mariana: a Direita sentava-se à direita do prefeito e a Esquerda, à esquerda do prefeito. Então, eu tenho quase certeza de que muitos vereadores não sabiam nem qual era a filosofia de um e de outro partido, porque eles estavam ali ao lado do prefeito – um à direita, outro à esquerda. O que era engraçado... A Banda da União e o Marianense eram fortíssimos! Havia muita criatividade e tal, e eu puxo para eles também, não é? Então, uma vez, a União foi impedida de tocar, o ensaio da União foi parado sob fuzil, fuzil do delegado que chegou lá e parou. A União, então, não pôde tocar naquele dia. Mas antes, a União também saía e fazia a dela. Quando vinha o bloco do Marianense, a União vinha atrás, às vezes, e ficava assim: “Sai piolho, sai piolho, sai piolho, que aqui não é seu lugar. Sai piolho, sai piolho, sai piolho, deixa a União passar”.<sup>67</sup> Aí ia, aí insultava, não é? Então era aquela questão. E após os jogos de futebol também, tinha uma porção... Os insultos eram recíprocos. E não tinha classe

---

<sup>65</sup> A União Democrática Nacional, fundada em sete de abril de 1945 como uma associação de partidos estaduais e correntes de opinião contrárias à ditadura estadonovista, caracterizou-se essencialmente pela oposição constante a Getúlio Vargas e ao getulismo. Embora tenha surgido como uma frente, a UDN organizou-se como partido político nacional, participando de todas as eleições majoritárias e proporcionais até 1965, quando foi extinta. Seu principal adversário era o Partido Social Democrático (PSD), de representação majoritária no Congresso Nacional. Na Câmara dos Deputados, a UDN manteve o segundo lugar em número de representantes até 1962, quando perdeu para o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Elegeu governadores, especialmente na Região Nordeste, e integrou vários ministérios, inclusive no Governo Vargas. Perdeu três eleições presidenciais consecutivas (1945, 1950 e 1955) e apoiou a candidatura vitoriosa de Jânio Quadros, em 1960, e o golpe civil-militar de 1964.

<sup>66</sup> Adepto de Carlos Lacerda, político da UDN.

<sup>67</sup> A entrevistada canta o trecho transcrito.

média, classe alta, não tinha nada disso! Era tudo igual, tudo igual! Então era uma vida... Todo mundo fala assim: “Ah! Mas isso prejudicou a cidade”. Pode até ter prejudicado, mas a emulação dos clubes, para mim, eu acho... A vida dos clubes foi... Não fosse isso, não tinha, não. Quando uma vez a Banda da União foi parada pelo delegado local – não vou citar o nome porque coitado!... A Banda foi parada. Tinha um valentão na Banda, que se chamava Luís Mateus. Aí a Banda da União saiu tocando assim na rua: “Seu capitão, seu capitão, solta a onça para prender a União. O tal do Luís Mateus, que é o nosso valentão, ficou preso em casa só com medo do capitão”. [riso] Uma vez, eu encenei a Banda da União com isso. Então era assim... Eu considero isso... Essa represália, não; é estúpida, não é? Mas fora isso, eu acho que era interessante. Agora, atrasou um pouco a cidade, sim. Por exemplo, a construção desse Poliesportivo, que descaracterizou, que é um bolo de noiva fora do casamento, não é? Nós trabalhamos para que esse Poliesportivo não fosse erguido. Não que ele não fosse erguido, mas que fosse erguido nos moldes previstos. Então, um político para registrar sua obra deixou... Eu penso mais não só na Esquerda e Direita... Havia umas coisas muito sérias, por exemplo: se você fosse forte você vencia. Eu, que era de Direita... Celso Mota<sup>68</sup> era o deputado daqui, era daquela Esquerda fajuta em que eu não acredito. Então o Celso Mota o que fez? Eu tirei primeiro lugar no concurso e tinha que ser nomeada. Não fui nomeada. Ele falou que só se eu subisse a escada dele. Eu falei: “Eu não subo a escada dele”. Aí não subi a escada dele e ele ficou apertado, não é? Eu contratei um advogado bom. Quando eu fui nomeada para... Eu fiz concurso para diretora e também tirei primeiro lugar; ele não nomeou as outras, para não me nomear. Eu contratei um advogado, minha filha! Fiquei cinco anos em casa, ganhei o dinheiro todinho! Quer dizer, as pessoas também têm que saber usar o seu direito e brigar. Agora, atrasou um pouco? Atrasou. Porque às vezes nós tínhamos pessoas altamente incompetentes nos cargos: secretário de educação que não sabia nem por onde a educação andou... Porque tinha que ser o amigo do rei, e isso atrasou. Agora eu, francamente, acho que a emulação para os clubes... A diversidade... A rivalidade para os clubes foi construtiva mesmo.

---

<sup>68</sup> Chefe político marianense, integrante do PSD (Partido Social Democrático) na década de 1950.

**Keka Simões** – Dona Hebe, por que Piolho e Percevejo? De onde vêm esses nomes?

**Hebe Rôla** – Olha, assim, a origem, direito, nós não temos. O Piolho, eu presumo... É uma presunção... Eu estou até procurando isso, trabalhando com essas palavras... Outro dia achei “Sinhá me enrosca”. O que era? Cachaça. Então, eu estou trabalhando com essa terminologia. Piolho, eu acho que é por ser superior: está na cabeça, está sobre a cabeça; acima dele, nada. E ele incomoda porque coça, reproduz com muita facilidade. E o Percevejo, porque não deixa dormir, não é? Então, não sei... Suga o sangue, também no sentido... Todos os dois sugam, mas o percevejo é mais tomado como sugador de sangue porque é maior, não é? Ele suga mais o sangue. Não sabemos mesmo. Talvez um tenha posto o apelido no outro e tenha sobrado. Eu tenho procurado isso; a hora em que achar, eu passo para você.

#### [DVD B]

**Keka Simões** – Dona Hebe, quando a senhora se casou?

**Hebe Rôla** – Vinte e seis de dezembro de 1958.

**Keka Simões** – Qual é o nome do seu marido?

**Hebe Rôla** – Eli Casimiro dos Santos. É igual a Casimiro de Abreu<sup>69</sup>.

**Keka Simões** – Onde a senhora conheceu o Senhor Eli?

**Hebe Rôla** – Pois é, menina. O trem é que trouxe. [riso] Olha que engraçado! Ele veio trabalhar em Mariana com o Pedro Petrus. Ele era comerciário, depois foi comerciante também. E veio trabalhar aqui, como gerente de uma firma.

**Keka Simões** – E foi o trem que trouxe.

**Hebe Rôla** – O trem trouxe. [risos] Veio de trem porque não podia vir de outra coisa.

**Keka Simões** – Teve festa de casamento? Como era a cerimônia de casamento?

**Hebe Rôla** – Olha, eu já falei que meu pai era espírita. Então não foi aquela questão pomposa de casamento, não. Das minhas outras irmãs, foi mais. Mas o meu... A Igreja da Sé estava em reforma, e meu pai não se afinava muito com os padres. E um padre me chamou e disse para eu não me casar com esse moço; achou que eu não devia me casar com esse moço, mas com outra

---

<sup>69</sup> Escritor do Romantismo brasileiro (1839-1860). A referência a Casimiro de Abreu indica que a escrita/pronúncia do nome do marido da entrevistada é igual à do escritor.

pessoa. E ficou difícil então. Marcou lá na Sé. Foi um casamento de véu e grinalda, porque moça virgem tinha que se casar assim. Quem não fosse virgem tinha que se casar com uma roupa de cor, sem véu e sem grinalda. Então, eu me casei de acordo com as moças virgens da época. Era chique, não é? A cerimônia foi simples, mas era pomposa porque os padres que oficiavam, oficiavam com muito gosto, falavam muito em filhos... A gente ficava apertada, não é? Falavam assim: “A prole e tal”. E a gente ficava sempre preocupada com isso, em ter filhos, porque se casava para ter filhos; a formação que a gente tinha era essa. Saíamos um pouco dela, mas no fundo, no fundo, nós tínhamos essa formação.

**Keka Simões** – A senhora viajou em lua-de-mel?

**Hebe Rôla** – Viajei. Fui para o Rio de Janeiro. Era chique ir de trem! [riso] Nós fomos de trem para o Rio de Janeiro. Era bonito demais! Nesse dia, ocorreu uma coisa muito engraçada no trem: no dia do casamento, havia uma romaria para determinado lugar que eu não me lembro. Um vagão estava cheio dessas pessoas, a gente foi no carro-leito, aquele carro chique. Era chique demais! Em um lugar, houve a manobra do trem, a baldeação – chamava-se baldeação, quando você trocava de trem, não é? Uma senhora ia com o marido dela, já assim de meia idade. Nisso o trem deu partida e ela ficou na plataforma chamando o marido. Ele estava em outro trem, pegou o outro e voltou para Mariana, e a senhora foi para a romaria, sozinha. Esse caso foi muito engraçado, porque era uma coisa assim hilária – ela acenando na plataforma e o marido feliz no carro, no outro trem. Foi um desquite, não é? [riso]

**Keka Simões** – Depois do casamento, onde vocês foram morar?

**Hebe Rôla** – Olha, meu marido trabalhou em várias cidades: trabalhou em Curvelo<sup>70</sup>, trabalhou em Ouro Preto, trabalhou em Ponte Nova<sup>71</sup>, trabalhou em Belo Horizonte<sup>72</sup>. Ele saiu. Só que eu sou muito presa à terra e achei que aqui, para mim, era mais interessante para criar os meninos, cinco filhos. Eu povoei o mundo, sozinha! Então, era muito complicado, porque eu queria continuar trabalhando, queria continuar na minha profissão, queria também manter as crianças em escolas que eu conhecesse. Então, eu fiquei na mesma casa onde

---

<sup>70</sup> Município de Minas Gerais.

<sup>71</sup> Município de Minas Gerais.

<sup>72</sup> Capital de Minas Gerais.

nasci – até hoje estou na mesma casa – e meus filhos foram criados lá também, porque foi mais interessante para mim. Agora, meu marido trabalhou em vários lugares e eu fiquei aqui.

**Keka Simões** – Como ficou a rotina após o casamento, com a chegada dos filhos? Como era o funcionamento? A senhora falou que trabalhava, não é? Dava aula...

**Hebe Rôla** – Olha, nós tínhamos, na vizinhança e nos serviços que contratávamos, pessoas da família. Eram mais do que consangüíneos, porque elas nos ajudavam demais. Meus vizinhos... Eu nunca ocupei porque não precisou, mas se fosse o caso de precisar, um vizinho ficava com meu filho para eu trabalhar. Mas nós tínhamos excelentes amas, excelentes cozinheiras, lavadeiras, não é? E como você tinha o salário para dar para elas, aparecia muita gente, você podia escolher. Eu tive a felicidade de contar com muita gente para me ajudar. Eu fazia questão de almoçar em casa. Disso eu não abria... O dia em que eu abria mão de almoçar em casa era um... Nesse almoço em casa, eu já dava todas as ordens para a tarde, porque eu trabalhava dois, três horários, às vezes. Eu sempre trabalhei demais, não para ganhar muito. Trabalhava mais porque eu era... As pessoas, os diretores insistiam para eu ir. Por exemplo, eu fui para a Universidade<sup>73</sup> por imposição de Cônego José Geraldo Vidigal<sup>74</sup>. Eu não queria ir de jeito nenhum! Não tinha nenhum interesse em dar aula em universidade. Queria ficar no Fundamental e Médio, que já eram o meu forte, e porque a base que forma... Não adianta nada um curso superior se a pessoa não tem uma base. Mas eu fui por isso. Por exemplo, eu era a única pós-graduada da cidade e tive que ir trabalhar no Estadual<sup>75</sup>, porque não tinha outra pessoa. Então, era muito difícil uma pessoa assim para trabalhar e eu tinha um relacionamento muito bom, as pessoas me chamavam e eu ficava sem jeito. Dei aula a minha vida toda. Agora em junho vou completar 60 anos de magistério.

**Keka Simões** – A senhora falou que queria que seus filhos estudassem aqui. A senhora percebe diferença entre o ensino que a senhora teve, o ensino que seus filhos tiveram e o ensino hoje, em Mariana?

---

<sup>73</sup> Dona Hebe é professora emérita da Universidade Federal de Ouro Preto.

<sup>74</sup> Cônego José Geraldo Vidigal de Carvalho, ex-diretor do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto.

<sup>75</sup> Escola Estadual Dom Benevides; até a década de 1970, Colégio Estadual Dom Benevides.

**Hebe Rôla** – Percebo. Eu percebo alguma coisa. Vou fazer uma análise do ensino, não aleatoriamente. Eu frequento as unidades escolares de Mariana quase todas, não é? Eu noto hoje muito modismo. As pessoas têm medo de pegar o que deu certo no passado... Por exemplo, uma coisa muito séria no ensino hoje, que eu condeno, é: o ensino não usa a memória, a criança não fixa o que aprende. Então, é proibido usar a memória. Quer dizer... Um entendimento errôneo que um teve lá e os outros todos vão seguindo. Por exemplo, se hoje o menino entendeu que dois e dois são quatro, o que custa lembrar-se disso, registrar isso na memória? Não! Sem a maquininha... Ele não faz nada sem uma máquina, uma calculadora. Então, a memória está muito esquecida no ensino. Isso é um ponto fraco. Essa parte de fixação do conhecimento na memória está fora da escola. A escola dá o conhecimento ou oferece ou intermedeia, e depois ela cobra, mas ela não fixa. Então, a memória está sendo posta em segundo plano. Por exemplo, no ensino que nós tivemos, que meus filhos também tiveram, os textos poéticos que falavam do Brasil... Havia um ufanismo... No Providência havia um ufanismo, nós éramos ufanistas, nós achávamos que o Brasil era o melhor do mundo! Não é muito certo isso. Mas é menos pior do que essa depreciação global do Brasil. Hoje qualquer moleque: “Ah, o Brasil não está com nada!” Qualquer moleque fala isso com você. Então, nós tínhamos um respeito pelos textos. Pelos escritores brasileiros, nós tínhamos muito respeito por eles. E as crianças estudavam poesia, não é? A poesia era o veículo para o aprendizado da língua. E agora as pessoas ficam em muita teoria e pouca praticidade. Eu sou a favor da teoria, ninguém pode ensinar sem o embasamento teórico. Mas o ensino está muito assim de verniz, mas verniz em madeira podre: é bonito e tal, você aperta um pouquinho e não sai nada. Com algumas exceções. Nós temos exceções. Por exemplo, há uma escola aqui que mantém o método de silabação e com... De uma forma assim... E usa de uma maneira eclética os demais métodos, ajudando a silabação. Você vai falar isso e todo mundo fica... É a Escola Gomes Freire<sup>76</sup>. Eu acho maravilhosa a alfabetização da Escola Gomes Freire. Mas as pessoas, hoje, sabem muito as informações da televisão, mas não param para refletir. Então a escola precisa de um momento de reflexão e

---

<sup>76</sup> Escola Estadual Gomes Freire.

precisa começar com os pequeninhos, refletir com os pequeninhos. E preservar o que é bom também. Não pode todo dia estar mudando, mudando. Há umas coisas que podem vir da escola tradicional. E eles têm ojeriza à escola tradicional: “Ah! Escola tradicional...” Eu defendo boa parte da escola tradicional. Alguns erros eu condeno. Mas defendo boa parte da escola tradicional, porque era isto: a pessoa aprendia, fixava aquele conhecimento e depois ia provar que sabia, que tinha aquele conhecimento e que havia aplicação para aquele conhecimento. Hoje, as crianças não escrevem carta. Elas fazem e-mail, mas sem nenhuma orientação. Vão lá e fazem e-mail. Se o outro não entendeu, paciência! O outro pergunta de novo. Então não usam a escrita com os fins que a escrita tem. Então é muito complicado você ter um uso social da escrita... Eu considero o e-mail um uso social da escrita, eu considero a internet um uso social da escrita. Mas eu gostaria muito que as pessoas também se voltassem para a parte da literatura. A nossa literatura é muito rica, a literatura do exterior também é muito boa, não é? Trabalhar isso aí nas escolas. Estou falando mais dentro de Língua Portuguesa, porque eu sou professora de Língua Portuguesa. Eu vejo que há um descaso total! E a escola é para ensinar a norma culta da língua. Só que boa parte dos professores que estão na escola não domina a língua culta. Isso também eu provo, não estou falando nada que eu não possa provar aqui. Não é nada que eu tirei da manga do colete, não. Eu provo isso porque eu frequento, dou curso e tudo. Por exemplo, ontem eu assisti a uma palestra em que uma professora pós-graduada falava assim: “Não se existia contos de fada”. Não se existia! Onde é que ela arrumou este “se” aí? O que o menino dela vai... Vai começar a falar isso também, não é?

**Keka Simões** – Por que a senhora resolveu ser professora?

**Hebe Rôla** – Porque eu não pude ser advogada. [riso] Primeiro, eu queria ser advogada. Mas meu pai queria que eu fosse para Belo Horizonte e morasse com a família dele. Minha mãe achou isso muito ruim e falou: “Não. Morar com os outros é muito ruim”. E não havia essas repúblicas de moças, não é? Mas eu sempre ensinei, sempre dei aulas em casa. Eu tinha uma vocação assim... Eu queria defender as pessoas e nada melhor do que ser professora para ser uma advogada das pessoas, para levar os anseios das pessoas, para ajudar a conduzir – conduzir não, porque eu não gosto da palavra conduzir –, mas

mediar as pessoas para elas avançarem, não é? Nada melhor do que isso. Por isso eu fui professora. Agora, eu já dava aula desde pequenininha. Só que eu achava advogado, advocacia, chique demais!

**Keka Simões** – A senhora já falou um pouquinho do início da sua vida profissional, do problema da nomeação. Onde a senhora trabalhou? Só na cidade, na zona rural?

**Hebe Rôla** – Antigamente não tinha quarta série nos distritos; era até terceira série e vinha fazer uma prova aqui na cidade. Eu instalei a quarta série de Bandeirantes, de Ribeirão do Carmo. Jovens, adultos, velhos e crianças foram fazer a primeira quarta série lá. Mas foi um sucesso! Mil novecentos e cinqüenta e um. Foi um sucesso, foi um sucesso, Nossa Senhora! Uma das coisas mais bonitas que eu acho que fiz! Recém-formada e me achando a tal: “Ah, eu estou instalando a quarta-série aqui!” Em 1950, quarta série equivalia a uma pós-graduação hoje.

**Keka Simões** – Aqui na região, em quais escolas a senhora deu aula?

**Hebe Rôla** – Olha, eu trabalhei em Bandeirantes, dei aula no Dom Benevides, dei aula na... Ah! Eu instalei um tanto de coisa, como essa Escola Gomes Freire. Eu era inspetora de ensino, uma espécie de supervisor, não é? Então instalei o Gomes Freire, instalei o Dom Frei Manoel da Cruz<sup>77</sup>, porque as moças podiam estudar no Colégio<sup>78</sup> e os homens não tinham escola. Então Dom Oscar – por isso gosto dele – instalou o Dom Frei e eu fui uma das primeiras professoras de lá também. Depois instalei, fui fundadora do Estadual Dom Silvério<sup>79</sup>. Estou na hora de sair de cena, porque já fiz muita coisa! [riso] Supervisei as escolas de Ouro Preto a Ponte Nova durante longos anos. Então eu trabalhei em tudo. Trabalhei no Colégio Providência também. Depois, fui para a Universidade Católica, para a PUC<sup>80</sup>, onde dei aula durante um tempo, e depois fui para a UFOP<sup>81</sup>. Meu último pouso foi a UFOP.

**Keka Simões** – Fora atividades profissionais ligadas ao magistério, a senhora pertence a outros grupos, trabalhos de assistência, alguma coisa assim?

---

<sup>77</sup> Escola Estadual Dom Frei Manuel da Cruz, em Mariana.

<sup>78</sup> Refere-se ao Colégio Providência.

<sup>79</sup> Escola Estadual Dom Silvério, em Mariana.

<sup>80</sup> Antes da criação do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, a Pontifícia Universidade Católica possuía cursos de graduação em Mariana.

<sup>81</sup> Universidade Federal de Ouro Preto.

**Hebe Rôla** – Trabalho assistencial eu faço com as Obras Sociais Monsenhor Horta. Eu sou, há mais de 30 anos, das Obras Sociais do Monsenhor Horta. Fui presidente durante 10 anos e agora continuo membro das Obras Sociais Monsenhor Horta. Durante esse trabalho que nós fazemos lá, instalou-se... Dom Oscar planejou o Hospital Monsenhor Horta e também o Lar Santa Maria. Então nós instalamos o Lar Santa Maria, para idosos, 60 idosos muito bem cuidados. É um lugar onde gosto de trabalhar; continuo até hoje. Instalamos, nós e Dom Oscar, a Creche Casinha de Nazaré, para crianças de um a sete anos. Depois veio a Casa Jesus, Maria e José, ali em frente ao Hotel Muller<sup>82</sup>, que trabalha com criança de sete a 12 anos. E depois o Lar Cônego Renato, para crianças maiores. Além disso, pelo fato de meu pai ser espírita, nós fomos criados em um ambiente que nos obrigava a fazer caridade. Mas não podia ficar contando, não tinha que contar. Então, eu sempre dei aula particular para quem não vencía. Por exemplo, para um aluno meu que tivesse dificuldade em Português ou Matemática... Ah! Eu era professora de Matemática também, no princípio; eu dava aula de Português ou Matemática. Francês... Então, eu sempre dei assistência. Para qualquer aluno que não pudesse pagar, eu dava assistência lá em casa. Uma vez, eu dei assistência a três meninas cujos pais eu não sabia quem eram. Irmãs daquela Tereza<sup>83</sup>, pesquisadora também, aquela de História. Então eu dei assistência a essas meninas e eu estava esperando minha filha. Depois que acabei de dar aula – eu pensei que a menina fosse pobre, que fosse assim humilde na escola –, a mãe dela me deu todo o enxoval da minha filha. Eu fiquei tão apertada! E meu pai, sempre exigente, falou assim: “Você vai dividir isso. Vai lá ao hospital. Deve estar nascendo criança. Vai lá e entrega uma parte disso”. Porque a gente tinha que ajudar. Chico Xavier<sup>84</sup> falou com meu pai assim... Ele fazia sessões com meu pai, na casa onde moro até hoje. Um dia eu vim servir café e vim pequenininha com a bandeja, e ele falou assim: “O guia desta menina é Santa Luzia: olha os olhos no prato”. “Tampei”<sup>85</sup> a bandeja longe! Os olhos no prato! Porque a imagem de Santa Luzia é isso, não é? Então meu pai, a partir daí, cobrava de mim essa assistência. Segundo os espíritas, ou eu tinha que ser médium – o

---

<sup>82</sup> Localizado no centro de Mariana, próximo à Estação Ferroviária.

<sup>83</sup> A entrevistada não mencionou o nome completo.

<sup>84</sup> Francisco Cândido Xavier, médium espírita, falecido em 2002, em Uberaba, sua cidade natal.

<sup>85</sup> No sentido de lançar.

que eu não queria ser, eu detesto – ou então eu tinha que fazer caridade. Então eu fico com essa parte de cá<sup>86</sup>. Ajudo quem eu posso ajudar.

**Keka Simões** – Além da questão beneficente, a senhora participou ou participa de organizações ou agremiações culturais da cidade?

**Hebe Rôla** – Olha, a gente participava do Marianense, das festas todas do Marianense. Participava do Folia Nossa, daquelas festas todas do Folia Nossa. Festas, não; dos trabalhos realizados por esse grêmio cultural. Também sou membro da Academia de Letras<sup>87</sup>: sou acadêmica, sou vice-presidente da Academia de Letras, mas toda vida fui acadêmica. Sou membro da diretoria da Banda da União e colaboro na questão de afinação, porque eu tenho um bom ouvido, conheço um pouco de música; na parte teórica da música também eu ajudo. Deixa ver onde mais eu trabalho. Ah! Na Banda da União, nós organizamos assim: os músicos têm aulas de música, mas também de artes plásticas e de inglês, para prepará-los. Qualquer empresa hoje, quando vai pôr os treineiros lá, põe quem sabe inglês. Então nós estamos com esse projeto na Banda da União. Tem um outro projeto, que eu coordeno, que se chama “A Banda Vai à Escola”: eu notei que as crianças da escola não estavam ouvindo ninguém. Então eu tenho esse projeto com essa Banda. Na Casa de Cultura<sup>88</sup>, eu instalei a Academia Infanto-Juvenil de Letras, Ciências e Artes, para assegurar a continuidade da Academia. Nós todos estamos velhos, caindo aos pedaços, um ou outro é que é moço. Então, para não haver problema com a continuidade da Academia... Eu acho uma coisa boa. Esses meninos, agora, estão com a incumbência de instalar bibliotecas onde não tiver bibliotecas, na zona rural. A primeira saída deles é para Bandeirantes: eles vão à Estação de Bandeirantes ver o que podem fazer ali, naquele cantinho, para instalar uma biblioteca pública. Acanhadinha, mas é o que eles vão fazer. E tenho um monte de projetos no ICHS<sup>89</sup>, os projetos de extensão. Trabalho com pesquisas sobre os sinos, tenho o projeto “Piques e Repiques – A Linguagem dos Sinos”. Dou cursos, com o José Arnaldo<sup>90</sup>, com o professor Benedito<sup>91</sup>, com os sineiros,

---

<sup>86</sup> A entrevistada, ao pronunciar lado de cá, aponta para o lado direito, denotando ter escolhido a caridade em detrimento da mediunidade.

<sup>87</sup> Academia Marianense de Letras.

<sup>88</sup> Antiga Casa da Intendência, no centro de Mariana.

<sup>89</sup> Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto.

<sup>90</sup> Professor José Arnaldo Coêlho de Aguiar Lima, do Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto.

para manter a linguagem dos sinos que está muito esquecida. Eu fiquei com medo... Um dia, estava dando aula e, em um exemplo de objeto direto preposicionado, li na gramática: “Os sinos, já não há quem os toque”. Eu falei: “Gente! É mesmo! Estou aqui há tanto tempo, hoje de manhã, e não ouvi um sino tocar!” E acordei para o problema dos sinos. Isso foi mais ou menos em 1987, por aí, 1979... 1984, 1987... Aí nós começamos a dar os cursos para preservar essa linguagem, porque eu faço questão de preservar tudo o que é bom. O povo está falando muito pouco, comunicando muito pouco. A linguagem dos sinos é uma linguagem democrata: ela avisa todo mundo, ninguém precisa ter nenhum aparelho, nenhum aparato, e ela não é uma linguagem obsoleta. Você viu agora no Papa<sup>92</sup>? Para falar *habemos Papa*, a fumaça saiu da cor escura; os sinos é que dirimiram a dúvida – o Papa havia sido eleito. Então, eu trabalho com ela. Tem um outro projeto “Contadores de Causos e História”. Até o Jason<sup>93</sup> falou que vai usar esse projeto. Eu tenho contadores... Nós vamos para as escolas, com uma violonista ou um clarinetista, qualquer coisa, e nós contamos histórias para as crianças e as crianças contam para nós. Achamos que as crianças não estão sabendo ouvir – nem as crianças, nem os adultos; todo mundo está cortando a palavra do outro, não é? Então, estamos tentando a disciplina na escola através da contação de histórias e da música. No projeto dos contadores de história, nós temos iniciação ao teatro, com crianças. Estou até ensaiando, estamos começando com a peça “Já Vem o Trem”. Está muito bonitinha! Uma parte do texto é de um poeta de Mariana, que reside em Mariana e que se chama José Sebastião Ferreira; o resto nós pusemos. E nós estamos trabalhando com a valorização do Patrimônio, na Alfabetização Solidária<sup>94</sup>... Tenho um trabalho na Paraíba que é tomado como referência, modéstia à parte. Nós trabalhamos em quatro municípios pequenos da Paraíba, mostrando ao povo que o povo valia – porque eles se achavam menos que todo mundo. A partir dali, muitos melhoramentos surgiram nessas cidades, através da Alfabetização Solidária.

---

<sup>91</sup> Professor Benedito Donadon-Leal, do Departamento de Letras do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto.

<sup>92</sup> Refere-se à eleição do Papa Bento XVI.

<sup>93</sup> Jason Barroso Santa Rosa, consultor do Projeto Trem da Vale.

<sup>94</sup> Programa do Ministério da Educação/Governo Federal que incentiva a alfabetização a partir do trabalho de voluntários e do apoio de empresas parceiras.

Aqui, em Mariana, o parceiro é a Vale<sup>95</sup>; lá era outra empresa. Trabalhando aqui, eu faço alfabetização através da preservação do Patrimônio. Meu trabalho é esse. Deve ter mais alguma coisa que eu não vou lembrar, não. [risos]

**Keka Simões** – A senhora já contou algumas lembranças relacionadas ao trem e à Estação. A senhora tem alguma outra lembrança de viagens? Como eram essas viagens?

**Hebe Rôla** – Tenho uma lembrança da... A gente fazia... Chamava-se Jubileu<sup>96</sup>, não era romaria, não. Era em Congonhas e Irmã Maria<sup>97</sup> – logo a que dava aula de bordado – foi a chefe da excursão. E eu fui, as alunas todas da nossa turma foram, 40 alunas. Lotamos o trem e fomos para Congonhas, para o Jubileu de Congonhas. O Colégio Providência tinha um respeito muito grande no cenário nacional, e fomos recebidas pelo prefeito local. Era muito chique! Fizemos a viagem de trem... Era muito interessante! O trem tem uma série de janelas, não é? E nós doidas... Não podia chegar à janela, porque era perigoso etc. Mas a gente ficava nas janelas, a irmã chegava e virava as cabeças todas para dentro do trem. Então a gente virava assim... Quando ela estava na última, a primeira aqui já estava virada e a irmã e suas auxiliares ficavam desesperadas. Eu me lembro... Uma das auxiliares – é viva ainda – era a Terezinha<sup>98</sup>; foi conosco e tomava conta. E nossas saias não podiam ser amarrotadas; nós tínhamos que chegar a Congonhas com as saias impecáveis! Então nós nos sentávamos, empertigadas, assim todas durinhas na coisa, e dobrávamos a saia toda para sentar. As boinas não podiam sair da cabeça, as gravatas tinham que ficar no lugar. E começou a fazer calor e a gente pelejando... Quando parava na Estação... Gente! Que felicidade! A gente podia virar a cabeça um pouquinho, porque a irmã ficava olhando quem estava entrando e tal. E, nesse tempo, a gente trocava bilhetinhos com os outros. Eu dei uma zebra danada, porque o moço que escrevia para mim, além de ser mole para escrever, ainda escrevia mal para caramba! [riso] Então, entregou o bilhete para a irmã, a resposta dentro do trem... Porque o trem era nosso

---

<sup>95</sup> Companhia Vale do Rio Doce.

<sup>96</sup> Jubileu de Nosso Senhor do Bom Jesus do Matozinhos, em Congonhas do Campo, município de Minas Gerais.

<sup>97</sup> A entrevistada não mencionou o nome completo.

<sup>98</sup> A entrevistada não mencionou o nome completo.

correio, era a entrega de nossas encomendas, aquelas encomendas que tínhamos; tudo era através do trem. Então nós fomos, e ela fazendo a gente cantar o tempo todo. A gente cantava: “Céu na terra se cantam/ com sonora melodia/ essas vozes tão suaves/ o santo nome de Maria. Viva o nome de Maria!”<sup>99</sup> Depois ela falava assim... E nós doidas para parar de cantar, porque a gente já estava cansada de cantar e também por vergonha: as outras pessoas não faziam aquilo. Ficava muito destoante, o nosso vagão era destoante. Se bem que as pessoas achavam lindo às vezes, não é? Mas nós ficávamos com vergonha dos rapazes, a gente já estava bem... Isso foi em 1948, eu já estava uma mocinha, com 16 anos, por aí. Aí ela mandava cantar: “Com razão dizia São Bernardo/ que com gosto trocaria/ todos os bens deste mundo/ só por uma Ave Maria!” E nós: “Com razão dizia São Bernardo/ que sem gosto nenhum trocaria/ uma olhadinha lá de fora/ pelo santo nome de Maria!”<sup>100</sup> [riso] Ela não ouvia, aquela balbúrdia toda lá na frente, não é? E nós fomos cantando. Aí entrou um time de futebol, porque o trem carregava todo mundo. Na volta foi... Felicíssima a volta! Entraram a Banda da União e o time de futebol. Olha a nossa alegria! Só homens e nós, de mulher, lá dentro. Ô alegria danada! Uns homens feios, às vezes derrubados, mas estávamos alegres. Aí, menina, o trem parou, quebrou em uma Estação. Não me lembro do nome da Estação; pejei para lembrar, até quis fazer o percurso com meus filhos, para ver se eu me lembrava. Estou querendo escrever... Já escrevi isso, já publiquei essa viagem<sup>101</sup>... Quando entraram a Banda da União e a turma de futebol, encheu o trem. Muitas pessoas ficavam onde nós chamávamos de engate – eu nem sei como é que chama aquilo, o engate do trem. Não tinha essa fiscalização severa que tem hoje, nem capacete, não tinha nada disso. E nós, toda hora, queríamos ir ao banheiro do trem e a irmã não deixava. Mentira! Não tinha que ir ao banheiro, não! Era porque nós passávamos perto dos moços, não é? Aí trocávamos o bilhete, fazíamos tudo o que tínhamos que fazer, felizes da vida. Foi a melhor viagem de trem que a gente fez, sob um aspecto. Era muita gente, a turma toda discutindo... Mas foi trágica, porque a gente foi assim: só podia dar uma olhadinha para fora e virar para dentro, e tinha que burlar a vigilância

---

<sup>99</sup> A entrevistada canta o trecho transcrito.

<sup>100</sup> A entrevistada canta o trecho transcrito.

<sup>101</sup> Até o momento, não foi possível localizar referências bibliográficas sobre esta publicação.

demais, não é? A gente adorava quando o chefe-de-trem<sup>102</sup> vinha recolher as passagens. A irmã ficava com todas as passagens; nem dar a passagem para o chefe-de-trem a gente podia, para o chefe não pegar na nossa mão. Então o chefe-de-trem vinha e falava assim: “Ô irmã! Com licença, eu vou só conversar com as moças, para saber como estão se sentindo”. Mentira! Ele vinha, conversava conosco e aí quando voltava, voltava outro chefe... Voltava um que não era chefe, as pessoas começaram a vir, os rapazes, e a irmã custou! E ela cochilou. Na volta, a uma certa altura... Ah! Essa hora foi a felicidade eterna! Passamos para os outros vagões, conversamos com o pessoal, voltamos... Só as assanhadas; as outras, coitadinhas! Aquelas beatas ficavam com uma fita larga aqui no pescoço<sup>103</sup>, e nós lá, entrando lá... E voltávamos e sentávamos, empertigadas. Mas foi uma das viagens memoráveis da minha vida! Fui para uma coisa e cantando... Ah! E comemos também, tivemos que comer dentro do trem. Ela abria um farnel e tinha de tudo para a gente comer, porque não podia intoxicar as meninas. Comemos tudo o que ela levou. Faço idéia! Aquilo não estava bem condicionado nada! Mas a gente comia bem e tal. Muito interessante foi a hora em que o trem quebrou na Estação – as pessoas invadiram o trem e ela não teve controle, ela perdeu o controle, não é? Aí nós fizemos o que precisávamos fazer. O trem, até hoje para mim, é essa TV, aquela TV surpresa. Na TV você sabe o que está programado, você sabe o que vai passar, não é? O trem, não. O trem era aquela surpresa gostosa! Era aquela televisão que vinha para todo mundo, sobre o que a gente podia comentar também, porque não tinha que ficar caladinho na frente. Podia interagir com ela, uma televisão interativa, não é? Era uma comunicação muito boa que a gente fazia e também criava as situações... A gente ficava pensando: “A hora em que o trem vier, quem vai vir?” “Será que Fulano vem?” Às vezes, o nosso assunto, a tarde toda, após o trem, era: “Quem será que vai vir amanhã?” Domingo, então, era festivo na Estação! A maior tristeza era quando a gente arranjava um moço bonitinho e o sino da Estação tocava, não é?

**Keka Simões** – Então, eles ficavam parados um...

---

<sup>102</sup> Profissional responsável por coordenar as atividades realizadas em um comboio.

<sup>103</sup> Refere-se à fita distintiva usada pelas componentes da agremiação religiosa Filhas de Maria.

**Hebe Rôla** – Um tempo, em cada Estação. Tinha uma parte do trem que era só de passageiros. Mesmo assim ele parava. Era como um ônibus: um ônibus não pára em determinados lugares onde há passageiros? Então, em todas as Estações tinha passageiro. Você podia ir aos distritos de Mariana... Tanto que as pessoas conheciam muito mais os distritos, porque tinha o trem que ia e que voltava. Você ficava um dia inteiro. Todo mundo passava um dia nos sítios, nas fazendas; voltava no trem, e as pessoas ficavam na Estação. Era muito bonito mesmo! Eu estou tão feliz com esse trem chegando, que eu falei que vai ser um trem!<sup>104</sup> Porque eu não posso ter muita emoção – não tenho mais idade. Mas que vai ser um trem, vai! Eu quero ver esse trem! Por isso, na véspera vou à Estação com a Banda. Vou falar... “Mineiro não Perde o Trem”. [riso]

**Keka Simões** – Então, o trem deixou saudade, Dona Hebe?

**Hebe Rôla** – Nossa Senhora! Não é para mim, não! Você vai ouvir outras pessoas... Primeiro, ele trazia e levava lembranças, não é? Olha bem como ele mantinha o diálogo com as pessoas! Ele era uma fonte de comunicação. Ele cantava e encantava uma cidade. Ele cantava a cidade, porque levava a cultura de um lugar para outro, não é? Até hoje, além de ser um necessário meio de transporte, muito menos poluente, ele era... Ele valia pela democracia! Ele era democrático sob alguns aspectos, entre aspas, porque tinha o vagão de primeira classe e segunda classe. Mas quantas pessoas não iam de segunda classe, felizes? Primeira classe era para aqueles que se achavam... Nossa família, por exemplo, não ia muito de segunda classe, porque a gente ia com um grupo, saíam as pessoas de um vagão, as pessoas mais esclarecidas... Então, a democracia se realizava ali, a união das classes se realizava ali, embora ele tivesse divisões e as passagens fossem diferentes no valor, não é? Mas eu acho que ele era a televisão mais democrática: você não pagava para ver, você via; você planejava a passagem da sua TV; você fazia um mundo de castelos que às vezes desmoronava, às vezes não. Para mim, ele é... Eu acho que essa TV tem que continuar a existir.

**Keka Simões** – Voltando um pouquinho para a cidade, quais mudanças mais marcantes a senhora percebe em Mariana?

---

<sup>104</sup> Trem, neste caso, significa algo espetacular.

**Hebe Rôla** – Olha, para mim, a explosão demográfica de Mariana foi um dos pontos culminantes dessa situação que nós vivemos hoje. Eu acho que nós vivemos hoje em uma situação muito diferente. Até um certo tempo, as pessoas... Não vou dizer que tinha emprego para todo mundo, porque não tinha, mas havia alguns empregos menores aos quais as pessoas se adaptavam e viviam. Ninguém morreu: as lavadeiras do Seminário, as lenheiras, essas pessoas... Eu gosto muito de escrever sobre isso. Essas lenheiras e essas lavadeiras criavam a família com aquele dinheirinho dali, daqui; um ajudava, o outro ajudava. A população era menor e nós conseguíamos mantê-la assim. E havia uma sociedade muito colaboradora, as pessoas se ajudavam. Por exemplo, as pessoas me ajudavam e eu as ajudava, era uma mão dupla. Com a explosão demográfica e com o êxodo rural, eu achei que a coisa piorou muito aqui em Mariana. Eu considero ruim essa situação. A mão-de-obra da zona rural não é uma mão-de-obra especializada. Mariana tinha que ter treinado essa mão-de-obra – ninguém gosta de falar treinado –, preparado essa mão-de-obra para vir para a cidade. O que aconteceu? Ela veio para a cidade e está sem serviço. Eu fico olhando os crimes de Mariana. Qualquer falcatrua de Mariana eu fico olhando, fico ligando com essas coisas. As empresas, que vieram para preparar o caminho para as mineradoras de hoje, traziam qualquer tipo de gente; então ficou esse saldo aí também. Um prefeito pôs na televisão e em tudo quanto era lugar que estava dando casa – veio um monte de gente para cá esperando ganhar casa, o que não é verdade. Ele não pode dar casa, ele não podia dar casa para todos! Então tudo isso trouxe... Essa mão-de-obra... A própria situação do país hoje, não é? Mas eu acho que, na época, se tivesse tido uma... Se os poderes públicos tivessem acordado para deixar a pessoa na zona rural, não a deixar sem estudo, mas dar-lhe condições de estudar ali, de melhorar a vida ali... Mariana, você vê Mariana... Há pessoas que trocam... Antigamente, elas cultivavam as plantas todas, trocavam aqui em Mariana por chips, essas coisas. Hoje você pode ver: o menino está vindo no ônibus, de todos os distritos aí, e está com um pacotão assim de chips na mão. Quer dizer, a alimentação deles piorou muito. Acho que tudo isso ficou pior. Nós falávamos assim: “Cerra a porta aí”. “Eu vou cerrar a porta aqui e agora mesmo eu volto”. Ninguém fechava a porta. E hoje? Como nós estamos? Se bem que é o país

todo, é o mundo todo que está violento. Mas eu fico pensando que as cidades pequenas, como Mariana, talvez tivessem acordado em um determinado momento... Pode ser até idealismo bobo, mas eu penso assim. E hoje está muito difícil, muito difícil! O professorado não é respeitado na escola. Eu fico vendo a criança, criança pequenininha, desrespeitando o professor. Outra coisa também: a má formação ou falta de informação de alguns conselhos. Alguns conselhos estão completamente desinformados. Eles querem proteger, mas sem olhar, sem saber que não estão protegendo; estão estragando o menor. Eu acho que tem que dar uma olhada séria nisso. Eu não concordo muito com essas atitudes, não. Por exemplo, a idade das pessoas: hoje, um menino de 16 anos pode votar, mas ele não pode ser responsabilizado por inúmeras coisas. O que é isso, gente? Então isso tem que mudar. Se eles estão sabendo de tudo, por que eles não sabem quais são os seus deveres, quais são as suas responsabilidades? Eu sou contra, mesmo! Eu acho que o Estatuto do Menor tem que ser revisto, urgentemente, porque nossos meninos não são aqueles meninos de 200 anos atrás, não! Os meninos de hoje têm muita fonte de informação. E o que está acontecendo que eu também tenho notado... Pode ser um erro, mas eu posso provar isso: as pessoas sabem muito os direitos, mas não estão sabendo os deveres. Setenta por cento das pessoas não sabem os deveres, sabem o direito. Você pode conversar... Você pega uma pessoa para trabalhar para você: ela te pergunta os direitos, ela usa os direitos, mas ela não pergunta o que ela vai fazer. Pode olhar! Nós estamos nesse pé aí.

**Keka Simões** – Dona Hebe, a senhora gostaria de acrescentar alguma questão que eu não tenha abordado na entrevista?

**Hebe Rôla** – Olha, a única coisa que eu gostaria de acrescentar é que esse trem que está vindo aí fosse como as noites de Natal, que são para qualquer pessoa: cheinhas de nascimento e de pétalas. Que ele fosse assim, que fosse como a Noite de Natal, cheia de nascimentos, que criasse... Que ele fosse... Que ele seja construtivo, que ele seja usado para a construção de uma vida melhor para nós todos aqui, inclusive para aqueles que ainda não tiveram um lugar ao sol.

**Keka Simões** – Eder, tem alguma questão?<sup>105</sup> Em nome do Projeto, a gente queria agradecer a entrevista...

**Hebe Rôla** – Eu tenho estas publicações aí. Sobre alguma coisa de tradição, se vocês quiserem depois, eu tenho algumas publicações.

**Keka Simões** – Sim, nós vamos querer para a biblioteca, não é?

**Hebe Rôla** – Já ficam esses dois que eu te dei. Esses três. Eu vou trazer mais quatro, vou trazer o que falo dos carnavais, eu falo...

**Keka Simões** – Pois é, a biblioteca... A idéia é transformar a Estação em uma biblioteca infanto-juvenil. Então esse material...

**Hebe Rôla** – Aí, quando for implantar essa...

**[Término da entrevista]**

---

<sup>105</sup> O monitor indica com um gesto que não tem perguntas.